

ANO IV
1946
1390
PREÇO \$20

DIÁRIO POPULAR

LISBOA

Sábado

10

Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Editor: João Rebelo — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 67 — Telefones 23021/2/3 — Endereço Teleg.: «POPULAT»



Onde vai ser construída a Casa do Agrônomo

A CASA DO AGRÔNOMO É UMA INICIATIVA DESTINADA A SERVIR O SEU RAMO DE CIÊNCIA E A CRIAR O MELHOR AMBIENTE DE TRABALHO

ENTREVISTA COM O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO, ENG. D. RODRIGO DE CASTRO

Estão em curso na Quinta da Aldela, em Sacavém, junto da magnífica instalação da Estação Agronómica Nacional, obras de grande importância e que foram há pouco começadas, mas cuja conclusão traduzirá a primeira grande realidade de uma iniciativa interessante no aspecto social e que se destina a contribuir largamente para o desenvolvimento do campo da técnica agronómica e seu aproveitamento no nosso país — a «Casa do Agrônomo».

Esses trabalhos, que se espera estejam terminados no fim do corrente ano, referem-se à construção das novas instalações daquela instituição, ideia que, não obstante ter nascido entre nós há já alguns anos, só agora, porém, está a caminhar mais rapidamente no sentido da sua definitiva e ansiosa concretização.

No intuito de conhecermos em pormenor os objectivos de tão útil empreendimento, procurámos, para nos elucidar convenientemente, o engenheiro D. Rodrigo Pedro de Castro,

CHEGARAM A LISBOA 2113 TONELADAS DE BACALHAU

Procedente de Bergen, chegou, hoje, ao Tejo o vapor norueguês «San Andres», com 2.113 toneladas de bacalhau.

PEÇO A PALAVRA

CRITICA

pelo prof. DELFIM SANTOS

Como em muitos outros domínios da vida intelectual do nosso meio, não se nos mostra clareza de pontos de vista teóricos sobre a actividade que vulgarmente se chama «crítica». Nas revistas literárias exerce-se crítica às obras que vão aparecendo, e, algumas vezes, aquelas que a exercem vêm-se na necessidade de tratar, mais ou menos especulativamente, os princípios que devem orientar esta modalidade da vida do pensamento.

O tema tem dado origem a controvérsias, têm-se defendido várias atitudes que, com mais ou menos propriedade, se têm rotulado de crítica judicativa, interpretativa, apreciativa, compreensiva, etc.. O

(Continua na 7.ª pág.)

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A MULHER QUE TRAIU HITLER—(1)

A HISTORIA SENSACIONAL

DA GRANDE ARTISTA

OLGA TSCHEKOWA

QUE VIVEU NA INTIMIDADE DO CHEFE DO III REICH

No Verão passado. Uma noite, no aeródromo de Moscovo. Aliado, um batalhão da Guarda espera um chefe militar dos mais destacados, com o posto de marechal e que chega da Alemanha a fim de participar numa reunião oficial.

O marechal é o ultimo a descer do seu avião, dando a mão a uma jovem de estonteante beleza e superiormente elegante. Os seus ajudantes de campo precipitam-se mas ela afasta-os e apenas a sua companheira compartilha com elas das honras da parada. No momento de subir para o automóvel ela agradece-lhe. A sua voz é musical, mas deixa transparecer a pronúncia alemã. Nesse momento os soldados, em sentido, quase que abandonam a sua impassibilidade regulamentar. Evidentemente, eles sabem que as ordens de não confraternização com os vencidos são agora menos severas, por indicação superior. Mas em todo o caso é um pouco forte que o próprio marechal...

Alguns instantes mais tarde, no recinto do palácio do Governo. No segundo andar de um pequeno palácio cercado de tropas, a an-

tecâmara está invadida por polícias de «élite». Espada em punho, dois coroneis vigiam uma porta monumental em madeira esculpida. Detrás dessa porta o Governo delibera. O marechal chega, diz uma palavra aos coroneis e, diante da assistência estupefacta, dá entrada no «santuário» à sensacional criatura que o acompanha desde o aeroporto.

Passara mais de uma hora quando ela respacceu. Desta vez

apoiou-se no braço de Kalinine — Presidente da U. R. S. S.

Um cineasta oficial está preparado e filma a cena.

Finalmente, o automóvel parte e atravessa pátios e esplanadas, saudado pelos postos da guarda. As sentinelas avistam o galhardete que drapeja na portinhola da rápida viatura. Esse galhardete, novo e flamejante, é o de uma das mais elevadas distinções honoríficas.

(Continua na 8.ª pág.)

O «DIÁRIO POPULAR» NA CONFERÊNCIA DE PARIS

DESTA CONFERENCIA

TUDO HÁ A ESPERAR

ATÉ A PAZ...

É O QUE SE PENSA EM PARIS

O QUE DIZ UM «CHAUFFEUR» DE «TAXI», EXPRESSANDO A OPINIÃO PUBLICA DE INDOLE POPULAR

Do nosso redactor-correspondente JOSÉ AUGUSTO

PARIS, 9. — Em Londres publicou-se um documento denunciando o desrespeito de Moscovo pelas regras estabelecidas no acordo de Potsdam. Depois das «escaramuças» no Palácio de Luxemburgo, só faltava esta peça de fogo de artifício para animar o arraial da Paz. Aparentemente os homens

reunidos no Luxemburgo comportam-se, por fim, como pessoas de juízo a avaliar pela sessão matinal de hoje. Tudo aprovado. Discursos curtos, branduras, etc.

A unica nota negra, maculando a brandura da pombinha, foi uma vez mais a atitude da Russia, acompanhada de seus satélites, contra o Ocidente, quando a emenda de Molotov foi derrotada por

(Continua na 3.ª pág.)

VAI SER

PUBLICADA

UMA LEI DE PROTECÇÃO

AO CINEMA NACIONAL

— SEGUNDO DECLAROU, NUM DISCURSO, ANTONIO FERRO, SECRETARIO NACIONAL DE INFORMACAO

Tem a maior importancia não apenas sob o ponto de vista artistico mas também económico e industrial a declaração ontem feita por António Ferro, no seu discurso por ocasião da distribuição dos prémios de cinema de 1944 e 1945 instituídos pelo S. N. I., organismo que superiormente dirige, de que está em elaboração uma lei de protecção ao cinema nacional, lei que já está articulada e até nas suas linhas gerais superiormente aprovada pelo Sr. Presidente do Conselho; ao comunicar tal facto a que os nossos colegas da manhã dão um justificado relevo, acentuando o Secretário Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo em expressivos termos:

(Continua na 3.ª pág.)

DE GASPERI

APRESENTARÁ HOJE

NA CONFERENCIA DA PAZ

AS RECLAMAÇÕES DA ITÁLIA

PARIS, 10. — A Itália será autorizada a apresentar hoje, na sessão da tarde, da Conferência da Paz as suas objecções e reclamações relacionadas com o Tratado de Paz que lhe foi preparado.

O assunto foi resolvido na sessão plenária de ontem depois de Visinski, assistente de Molotov, ter acentuado a importância de ouvir pela primeira vez na História, os Estados ex-inimigos.

Esperase que o Presidente do Conselho Italiano, De Gasperi, fale-

mais de uma hora na sessão da tarde de hoje. — (U. P.)

A delegação russa está decidida, a todo o custo, a retardar os trabalhos da Conferência?

LONDRES, 10. — A atitude de Molotov na Conferência da Paz de Paris é severamente criticada por 3 jornais de Londres, os quais sugerem que o seu fim será unicamente manter o caos na Europa. (Continua na 5.ª página)

Um conto por dia

O MOLEIRO DE CASAL DE FRADES

por CARMEN DE FIGUEIREDO

RAZIA sempre consigo uma gaita de madeira, de bordos gastos e enfiados pelo muito uso. E era com o silvo que tirava desses dois rebordos talhados, que o Sanisca chamava suas freguesas. Não tinha dia certo de descer ao povoado com a farinha. Era um tipo estranho e para toda a gentinha de Casal de Frades, quasi lendário. Conheciam-no sempre assim: pequeno, direito, rosto sumido, todo o conjunto miudinho. O cabelo tão branco como a farinha mais fina dos melhores taleiros. Olhinhos piscos, agarratados. Só as mãos eram nota bizarra. Enormes. Mãos que lembravam gigantesças luçanhas e ao mesmo tempo inspiravam desconfiança e receio. As veias eram expostas como cordas de fardos, retessadas e duras. Já em vinte anos que ficara vivo da Maria Rosa, Nada lhe dera de bom. — «Desinfeliz, desinfeliz...» suspirava pelas noites longas, quando a guieira o esfavaava e ia arrastando à sua frente as pedras soltas dos atalhos. Ele ao casar, ambicionara logo ter, mais dia menos dia, no molinho velho e foido pelas invermeiras, os risos frescos dum catrão que mais tarde mesmo que fosse ainda de calção aberto, o acompanhasse ao povoado, toca que toca na «Cotovia», a barraca que, havia cinco luados, mefeara na Feira da Senhora da Agonia, a um cigano tisanote e mal encarado. Mas, os anos foram passando e a Maria Rosa não lhe dava esse presente que ele tão ardentemente desejava.

os trezentos degraus da Senhora da Piedade... Levou ao Senhor dos Passos certos litrinhos de azeite... E também não achou desatinado, ir consultar a Ti Zeza de Godinhela... Enfim, tinha de ser. E um dia... — que demora a dele, que demora, santo Deus! — a Maria Rosa, sózinha, enfraquecida, vai tentando calar um crumelcho vermelhão e congestionado. A noite avança sempre. Uma ventania agreste, levanta das horas antes, parece querer levar o velho moimbo pelos ares. Range, um ranger dolorido, a madeira das «velas». De repente, uma luçada mais forte, leva metade das telhas do casinhoto; Maria Rosa treme apavorada. A candeia apaga-se. O brasido extingue-se dali a nada... Amaná a ventania. A lua espreita pela faga mal aberta dum novo escuro. Ao longe, muito ao longe, ouve um sussurro de vozes. Mais perto. Distingue: é o Sanisca com a cergas do costume... Ele não vê nada e malha como em canteiro verde... Dias depois, a Maria Rosa foi a enterrar, nos braços do moleiro, um dez-riús de gente, enfaixadito. Pela cara do homem, lágrimas enormes e pesadas. Fôra ele que desceira aquilo... Tudo culpa sua, tudo... Foi o próprio Sanisca quem levou o filhito ao cemitério. Houvera grandes chuvadas e logo a seguir calor de rachar. Ora as terras, pediam braços; os homens iam com estrelas para o campo, alpartido ainda, e só regressavam muito depois das Trindades. As mulheres abalavam pelo meio-dia do Sol, com a cesta do comer e os catrões lamburados e em camisa, sobre um dos rins, suspensos nos chales traçados. Por lá ficavam também, curvadas, a desenterrar as leivas endurecidas, sem um cigalho de tempo pra limpar a «chuchas» dos filhos, que fariinhos de choramingar, acabavam por adormecer enovelados no fundo da cesta, cheia de migalhas. Assim, não houve alma que subsistesse o carreirito ingreme do minho, para atenuar a dor do moleiro. Ninguém. Só cá em baixo, quase a dois passos da capela da Senhora da Boa-Morte, uma chumfa de garotada se juntou, curiosa e atrevida. O moleiro mordeu-se de raiva impotente. Remoem vingança... E desde então, o Sanisca, nunca mais falou a ninguém. Envelheceu a seguir. Se calhava as mulheres põrem nos postigos, os taleiros lá os encontravam depenurados dos encontros, já com a farinha. Se estavam em casa, o assobio prolongado, que erranhava os nervos, chamava-as. — Ti Sanisca, olhe que é trigo; veja-me essa pedra-alveira... — Fiii... fiii... fiii... fiii... fiii... fiii... Era a resposta. Dada a volte, subia o atalho a passo miúdo e incerto. Mas agora sem a carga que tanto apouquentava a pobre da Maria Rosa. Ficava as pedras. As velas ao sabor do vento, pareciam assas abertas, ora na carícia dum sfaço cansado e tonto de gozo, ora no rodopio audacioso dum dança movimentada e louca de prazer. Muitas noites, adormecia no poial, depois de ter tirado de pequena gaita de madeira, gritos desvariados dum dor secreta. «... Só os filhos nos dão a alegria de viver e a força pra trabalhar...» ...Cambaleante, cheio de sono e fadiga, enchia os taleiros sem lhes tirar a maquia... — Para quê? Para quem? E nas longas e apavorantes noites em que o temporal bramava e lhe partia telhas, Sanisca embrulhava-se bem num velho cobertor de riscas largas, para não «ver» a sombra desgrednada da Maria Rosa. *

CRITICA

(Continuação da 1.ª pag.)

tema é realmente importante, embora complexo, e o numero crescente de jovens que se sentem chamados a escrever criticas nas revistas e, de per si, sintoma indicativo da necessidade de orientação que o publico leitor está sentido. A expressão critica literária, porém, tão corrente e vulgar, encerra em si um equívoco que, algumas vezes, influi perniciosamente na actividade do próprio critico. Na verdade, não há critica literária, como dominio independente de qualquer outra forma de critica. A criticas pode aplicar-se quer à literatura, quer à sciencia, quer à filosofia, quer ao teatro, etc., sem que, pelo facto da applicação a diferentes dominios, se diferencie e se torne independente como realidade em si. Trata-se sempre, e em ultima instancia, de uma actividade fundamentada em principios que, conforme o dominio da sua applicação, escolhido pelos interesses dominantes do critico, pode tomar varias modalidades, como a sua adjectivação claramente indica, mas que, no fundo, permanecem como

formas diversas de um mesmo tipo de actividade. Conviria, portanto, antes de mais, e para além da multiplicidade de aspectos que a critica apresenta, investigarmos qual é a attitude geral, e independente da applicação, que nos leva, partindo dessa multiplicidade, a concluímos que, em todos os casos, se trata de critica, e depois ainda descobrirmos quais são os principios que devem orientá-la, para que ela o seja realmente.

Magny, no seu ensaio sobre os limites da literatura, conta-nos o seguinte: era de uma vez um pobre homem, que tinha imenso desejo de escrever. Quando apparecia um livro novo, lia-o com grande interesse e parecia-lhe, depois da leitura, que o autor tinha dito muito melhor do que ele próprio o que, de facto, quis dizer. E então voltava tristemente a si, e nada escrevia. Certo dia, falando com os seus amigos acerca dos livros que mais apreciava, notou que ele era o unico que tinha comprehendido o que os livros pretendiam comunicar. E fez-se então critico literário...

Esta pequena historia, pretendendo explicar-nos a origem da critica, dá-nos ainda elementos para comprehendermos o que ela é. Primeiro, o critico é um homem que, voluntariamente, se entrega ao aprofundamento comprehensivo do que, em determinada obra, nem todos podem comprender. Em segundo lugar, dispõe-se generosamente a mostrar aos outros o que, sem ele, talvez poucos comprehendessem. Terceiro, o motivo que o leva à sua attitude funda de comprehensão e à attitude generosa de transmissão é a capacidade de admirar os outros mais do que a si próprio. E desta historia ainda mais se poderia concluir como resposta à interrogação posta antes. A critica não é uma attitude objectiva perante a obra que se admira, mas um esforço de subjectivação, tendente sempre a integrar o mundo subjectivo donde a obra surge. E' claro que para o conseguir plenamente, terá o critico de possuir certos dotes que não vale a pena agora enumerar. Deixemos, apenas, como tema para continuada meditação, que para o critico a verdade é a sua subjectividade, e que a justiça da sua critica radica, não no mito do observador imparcial e objectivo e absoluto, mas na sua sensibilidade necessariamente parcial, relativa e sempre que possível, apaixonada e entusiástica.

COM UMA PERNA

FRACTURADA POMBAL, 7. — Quando tirava água de um poço, caiu, fracturando uma das pernas, Maria da Silva, casada, de 49 anos, moradora na Ponte de Assaça. A ferida, depois de tratada no hospital desta vila, seguiu para Colimbra.

PORTUGUESES FALECIDOS NO RIO DE JANEIRO

Pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, foram enviadas para o «Diário do Governos as listas dos portugueses falecidos no Rio de Janeiro, durante os meses de Fevereiro, Março e Abril do corrente ano.



TEODORA CAIEIRO SERRANO VARÃO BOTELHO MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

João Varão Botelho, Francisco Canhoto, Mariana Fialho Canhoto, Isabel Botelho, Pedro Reis Varão, Manuel de São Pedro Crilo e mais família, na impossibilidade de o fazer directamente por desconhecimento de endereços, vêm por este meio agradecer reconhecidamente a todos que lhes manifestaram o seu pesar pelo falecimento de sua querida esposa, filha, irmã, cunhada e parente e participam que amanhã, domingo, dia 11, pelas 9 horas, na igreja de Arroios, mandam celebrar missa, sufragando a alma da sua querida extinta, agradecendo desde já a todos que se dignarem honrar este acto com a sua presença. P. N. A. M.

Agenda do leitor

Efemérides AGOSTO, 18 - Sábado - S. Lourenço 1500 - Tristão da Cunha descobre a ilha de Madagascar. 1756 - Funda-se a Companhia dos Vinhos do Alto Douro. 1797 - E. preso, o poeta Bocage. 1806 - Instalado o primeiro cabo submarino através do Atlantico.

Farmacias de serviço esta noite TURNO C - Leal de Matos, rua de Neves Costa, 33 (Carnide) (Tel. 50181); Sousa, estrada de Benfica, 429-431 (Tel. 82827); Beirão, rua do Lumiar, 77 (Tel. 82800); Campo Pequeno (do), av. da Republica, 50-C (Tel. 43061); Oliveira (dos), rua de Alves Gouveia, 19; Conção, Lda, calçada de D. Gastão, 9-32 (Tel. 38279); Martins, calçada da Picheleira, 140-A, 140-B; Cruz de Malta, largo do Chafariz de Dentro, 30 (Tel. 23326); Arnal, rua das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 23940); Silva, calçada de Santo André, 18 (Tel. 26474); Branquinho, rua dos Sapadores, 97; Bastos, rua de Morais Soares, 93; Castro, av. Almirante Reis, 76-A (Tel. 4073); Palma, av. do Duque de Avila, 8-31 (Tel. 47088); Berne, av. de Borne, 160-A (Tel. 40168); Judice de Oliveira, rua de Campolide, 54-A (Tel. 4043); Linaíga, rua de Ferreira Borges, 32-34 (Tel. 60955); Albano, rua da Escola Politécnica, 59 (Tel. 26750); Paiva da Costa, rua de Lapa, 105 (Tel. 9654); Lattias, rua de S. Bento, 71 (Tel. 61165); Esperança, rua da Reparação, 134 (Tel. 62784); A. César, rua do Prior do Crato, 74 (Tel. 60187); Frades, rua de D. Maria Pia, 514 (Tel. 8284); Costa, rua dos Lusitãos, 32 (Tel. 51303); Gomes, Suc., rua da Junqueira, 326 (Tel. 81111); Sanitas, praça de Luís de Camões, 24 (Tel. 22789); Americanas, calçada de Santa Ana, 2 (Tel. 26384); Liberal, av. da Liberdade.

MARÉS DE AMANHÃ QUANTO CRESCENTE - Prelamar: 3,17 e 15,31. Baixa-mar: 6,40 e 21,5. NOTÍCIAS PESSOAIS DR. CLAUD G. ALLEN De avião, chegou ontem de Londres o illustre advogado britânico, dr. Claud G. Allen, irmão da escritora Eva Renata de Esaguy e cunhado do sr. Augusto de Esaguy, nosso prezado colaborador e conhecido elinco lisboeta.

EXAMES DE APTIDÃO no Instituto de Ciências Económicas e Financeiras As provas orais dos exames de aptidão no Instituto de Ciências Económicas e Financeiras principiam na próxima segunda-feira, ás 15 horas. Os alunos que foram dispensados destas provas e os dispensados do exame por terem tido, no liceu, média de 14 valores ou superior, devem effectuar desde já a sua inscrição para o próximo ano lectivo.

«CASA DA ELECTRICIDADE LIMITADA» Por escritura de 31-5-1946, em notas do dr. Maia Mendes, de Lisboa, as quotas de cada sócio no capital desta sociedade passaram a constituir uma só quota, e, assim, ficou sendo de 114.000\$000 a quota do sócio Alvaro Ribeiro, e de 36.000\$00 a do sócio Américo Celestino Mota dos Santos, e ficou correspondendo ao primeiro, Alvaro Ribeiro a percentagem de 76 % e ao segundo, Américo, a percentagem de 24 %, nos lucros líquidos da sociedade, bem como nos prejuizos, se os houver.

VIVERES PARA A ALEMANHA

Todas as zonas por intermédio da Suíça (zona russa aumento 2500%). A entrega dos pacotes effectua-se manha num prazo de 5 a 7 semanas. Os pacotes são seguros numa Companhia suíça. Entregue ao destinatário contra recibo. E diferentes tipos de pacotes. Alguns exemplos: Tipo «especial» 1 kg. Mergulho em lata 1 kg. toucinho magro 1 kg. salsicha (salami) 1 kg. carne de porco ou vaca 1/2 kg. de leite em pó preço Esc. 250000. Tipo «necessidade» 1 kg. bom café torrado 1 kg. cacau puro 250 gr. chá 3 kg. azeite preço Esc. 140000. Toda encomenda e manda listas completas de todos os tipos: DO CARA PORTUGAL e MERCEARIA FACILHA ambos RUA LATINO COELHO, 7-11 - LISBOA - TEL. 4 3045

UM FATO DE TRABALHO Nelson DA CATEGORIA A QUEM O VESTE UM MODELO DE FATO PARA CADA PROFISSÃO AS CONFECCOES «NELSON» são as mais perfectas no seu género. Grande e variado sortido em fatos, por medida, de Tussor e Rips de seda para todos os sportes e para os srs. africanistas; camurces para homem e criança, etc. NÃO COMPREM SEM VISITAR ESTA FABRICA E CONFRONTAREM OS Nossos PRECOS. VENDAS DIRECTAS AO PUBLICO. PREGOS ESPECIAIS PARA OS SRS. REVENDEDORES. Enviámos, é cobrança, todos os nosso artigos para a provincia, Ilhas e Colónias. FÁBRICA NELSON, LIMITADA Rua dos Remédios, 139-2.º (Vulgo: Largo de D. Rosa) ao Caminho de Ferro - LISBOA